http://dx.doi.org/10.22420/rde.v19i45.2810

Christian Laval e o desvelamento da mercadorização da educação operada pelo neoliberalismo

LAVAL, Christian.
A escola não é uma empresa:
o neoliberalismo em ataque ao ensino público.
São Paulo: Boitempo, 2019. 326 p.

Com a incrível capacidade de operar intensamente sem se fazer mostrar, o neoliberalismo contemporâneo vai atuando e implementando dispositivos – operacionais, materiais, estratégicos e simbólicos – que impactam os modos de comportamento de indivíduos/as e o contexto social, político, econômico e cultural das diversas sociedades. Tal 'infiltração' e suas implicações não são diferentes quando visualizamos as instituições escolares.

É isso que vamos aprendendo a ver e a pensar no contexto educacional francês, ao nos depararmos com uma obra bastante volumosa do sociólogo francês Christian Laval, em sua primeira edição para língua portuguesa publicada em 2019 pela Editora Boitempo, traduzida por Mariana Echalar. Na segunda edição, Laval comenta, em novo prefácio, sobre a origem do livro em 2003, considerando as transformações no contexto educacional francês, que ele denominou como "neoliberalismo escolar", a partir da ótica da sociologia da educação e do ofício do sociólogo. Ele elabora um constructo teórico que chamou "norma liberal", uma "racionalidade do capital transformada em lei social geral" (LAVAL, 2019, p. 9), constatando que esse acontecimento possui responsabilidade "[…] na degradação mundial das condições de vida e trabalho, mas também na deterioração das instituições educacionais, universitárias e científicas" (LAVAL, 2019, p. 9).

O livro conta com uma introdução – na qual Laval diagnostica a perda da legitimidade da escola, a desvalorização/perseguição a professores/as, o fenômeno da massificação escolar e as políticas neoliberais nesse contexto – e está organizado em três grandes blocos, cada um deles com quatro subseções (I - *A produção de "capital humano" a serviço da empresa*; II - *A escola sob o dogma do mercado*; e III - *Poder e gestão na escola neoliberal*), além de conclusão, referências e uma seção (didática) sobre ministros/as da educação franceses/as.

Segundo Laval, a escola neoliberal "é a designação de certo modelo escolar que considera a educação um bem essencialmente privado, cujo valor é acima de tudo econômico" (LAVAL, 2019, p. 17). O sociólogo relembra que a escola tem sua importância na civilização pautada em duas principais premissas: (a) formação de mão de obra e investimento educacional; e (b) formação do/da cidadão/ã. Segundo ele, "A escola, que tinha

como centro de gravidade não só o valor profissional, mas também o valor social, cultural e político do saber […] hoje é orientada, pelas reformas em curso, para os propósitos de competitividade prevalecentes na economia globalizada" (LAVAL, 2019, p. 18).

Mobilizando documentos oficiais e posicionamentos de instituições internacionais como Organização Mundial do Comércio – OMC, Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico – OCDE, Banco Mundial – BM e Fundo Monetário Internacional – FMI, Laval vai construindo um argumento muito bem estruturado e com exemplos – principalmente do contexto francês, mas também de práticas neoliberais na educação de EUA, Inglaterra, Chile, Brasil, entre outros – para ilustrar sua tese da intensa *mercadorização* da educação a partir dos anos 1980. Desinstitucionalização, desvalorização e desintegração são elencadas por Laval como três tendências da mutação da instituição escolar, e esses elementos são retomados de forma constante ao longo das seções. Em toda obra, o autor chama a atenção para a função da escola e sua "vocação emancipadora" (LAVAL, 2019, p. 25), qual seja, a de tornar mais igualitário o acesso aos bens culturais da humanidade.

No primeiro bloco textual, intitulado *A produção de "capital humano" a serviço da empresa*, constituído por quatro subseções – (1) Novo capitalismo e educação; (2) O conhecimento como fator de produção; (3) O novo idioma da escola; e (4) A ideologia da profissionalização – Laval aborda a sujeição da escola ao modelo da razão econômica neoliberal e as adequações aos códigos e valores da escola a uma empresa, com a perda progressiva de sua autonomia, tanto política como econômica. Tudo sob um "discurso modernizador" que se coloca contra o humanismo tradicional da escola e espera uma "escola flexível", na qual a economia passa a ocupar o centro da vida individual e coletiva (LAVAL, 2019, p. 36). Também considera a lógica empresarial que tomou conta do contexto educacional com as "competências" (demonstrando a ambiguidade do termo), as quais são conceituadas e contextualizadas.

A lógica das competências é a confirmação de uma transformação do conhecimento nas sociedades neoliberais, tidas como "sociedades de mercado": o saber deixa de ser um bem universal do ser humano e passa a ser compreendido como investimento entre contextos desiguais, gerando mais desigualdades entre os já desiguais. Se a função da escola era a transmissão intergeracional de saberes e conhecimentos, com a lógica neoliberal muda-se também o sentido da escola, que passa a valorizar eficiência, mobilidade e interesse. Isso se evidencia no termo "capital humano", como um "estoque de conhecimento economicamente valorizável e incorporado nos indivíduos" (LAVAL, 2019, p. 51). Esse estoque é pensado para ser mobilizado pela mão de obra que alimenta as empresas, e não como um saber humano voltado à fruição da vida, um conhecimento interdisciplinar que permita às pessoas viverem suas realidades incorporando-o na vida em sociedade. O conhecimento, então, sob a perspectiva do "capital humano", refere-se às formas de ganho de produtividade. Sobre isso,

Laval também afirma: "Uma das características do capitalismo moderno é exatamente a organização sistemática da pesquisa sobre uma base capitalista, com o objetivo de extrair rendas tecnológicas para as empresas" (LAVAL, 2019, p. 57).

O autor aponta o comércio em torno dos produtos educacionais, que segundo ele sempre existiu – por exemplo, com os livros didáticos. Mas com o neoliberalismo se alastrando no interior das escolas e universidades, as Novas Tecnologias de Informação e Comunicação – NTIC evidenciam a lógica privatista e mercadológica da educação no cenário contemporâneo. Ele mostra como o mercado vai tomando o lugar do Estado como instância mediadora que estabelece o valor social do/da indivíduo/a. Além disso, considerando-se as tecnologias e esses processos mercadológicos juntamente com a lógica das competências, observa-se o fenômeno de *desintelectualização* e a *desformalização* dos processos de aprendizagem.

A profissionalização também muda de sentido: passa a ser uma formação *para* a empresa, adequando-se às aptidões e à socialização desse espaço profissional. E essa subjetivação profissional neoliberal da profissionalização também impacta na subjetividade dos/das professores/as, adequando suas mentes e práticas ao "espírito da empresa" (LAVAL, 2019, p. 99). Assim, "o novo dogma impõe uma universalização do modelo profissionalizante que pouco a pouco se torna a norma da escola" (LAVAL, 2019, p. 97).

No segundo bloco, *A escola sob o dogma do mercado*, organizado em quatro subseções – (5) A grande onda neoliberal; (6) O grande mercado da educação; (7) A colonização mercadológica da educação; e (8) A mercadização da escola e seus efeitos segregadores –, o autor trata da grande onda neoliberal na educação e seus efeitos nas escolas e universidades. Com o advento da "escola mercado" ocorre a deslegitimação do Estado em relação à educação, já que a considera como "um bem de capitalização privado" (LAVAL, 2019, p. 109). Laval também aborda de maneira ampla como se evidencia a mercadorização da educação. Segundo ele, o "apagamento progressivo dos limites entre o domínio público e os interesses privados" (LAVAL, 2019, p. 127) é uma das formas que assume a ideologia liberal nas escolas, principalmente nos EUA, com atividades comerciais e publicitárias (logotipos em cardápios, uniformes e publicidade em materiais didáticos). Por conta da globalização esse tipo de marketing se espalha por diversos países, numa estratégia denominada de *business schools*. Tais investidas neoliberais resultam no enfraquecimento e na perda da autonomia de escolas e universidades públicas em prol da privatização.

No livro há exemplos de políticas neoliberais em contextos educacionais, como o sistema de vouchers implementado pelo presidente estadunidense Ronald Reagan no início dos anos 1980, inspirado nas propostas do economista liberal Milton Friedman, para beneficiar a escola privada em detrimento do ensino público. Essa política educacional, no entanto, foi malsucedida nos resultados educacionais, assim como

intensificou a segregação social. No Brasil, durante o (des)governo de Jair Bolsonaro – com um ministro da educação economista de formação, Abraham Weintraub – houve a tentativa de implementar o sistema de 'vales', além do Programa Future-se, que, segundo a argumentação naquele momento, seria uma política educacional para dar maior autonomia financeira a universidades e institutos federais e fomentar o 'empreendedorismo'.

A privatização ocorre como consequência do que o Estado promove: a deterioração das escolas públicas e o cenário de precariedade material, institucional e profissional, num "círculo vicioso: os contribuintes se recusam a pagar impostos por uma escola medíocre e acabam aceitando soluções liberais" (LAVAL, 2019, p. 112). Laval enfatiza que nesse estímulo ao desenvolvimento das escolas privadas temos o crescimento da "segunda escola", um auxílio pedagógico privado, ou seja, a necessidade de os/as alunos/as realizarem percursos pedagógicos paralelos (LAVAL, 2019, p. 140). Essa verdadeira industrialização da formação possui efeitos negativos para o sistema educacional, como as desigualdades entre os/as alunos/as, o aligeiramento da maneira de aprender, a valorização de matérias consideradas mais rentáveis em detrimento de outras, impactando a formação cidadã – podemos relacionar, no Brasil, o 'Novo' Ensino Médio, que reduziu a carga horária das disciplinas de Sociologia e Filosofia, por exemplo. O avanço do mercado das NTIC está acompanhado de um discurso 'pedagógico' que anuncia o 'fim dos/das professores/as', ou seja, o papel de professores e professoras não é mais o de transmitir o conhecimento, mas de orientar e motivar (figura do/da *coach*).

O terceiro bloco, *Poder e gestão na escola neoliberal*, tem as seguintes subseções: (9) A "modernização" da escola; (10) Descentralização, poderes e desigualdades; (11) A nova "gestão educacional" e (12) As contradições da escola neoliberal. Mobilizando os capítulos anteriores, Laval dedica-se à análise da gestão na escola neoliberal que, baseada no taylorismo, assume o discurso do provimento de mão de obra, do capital humano que interessa ao mercado. Assim, a descentralização da gestão escolar é apontada como capaz de salvar a escola de seus problemas. Um exemplo triste e atual é a perversa inserção das escolas cívico-militares no Brasil, com o discurso de que a participação militar visa ajudar a gestão e contribuir para o controle disciplinar de crianças e jovens, quando o que se experimenta de fato é a inculcação ideológica para a obediência, acriticidade, servilidade aos modelos mercadológicos, patriarcais e às estruturas fundamentalistas.

Em suma, a gestão e a produção discursiva de modernização no campo educacional servem ao reconhecimento da importância do saber e do desejo pleno de torná-lo utilitarista. A incoerência do trato neoliberal na escola também é objeto de Laval, que explicita sua contradição ao entender que a cultura escrita erudita só chega à massa jovem via escolarização. Daí se depreende o infeliz papel das agências internacionais que disseminam e expandem os ideais estadunidenses, já bem assimilados pela França e por boa parcela do mundo.

O modelo em curso de escola neoliberal não é mais uma reforma, mas é, nas palavras que o autor toma de Gilles Deleuze, "uma liquidação" (LAVAL, 2019, p. 25). A escola neoliberal se coaduna com a necessidade de dominados/as estarem sob controle total e se tornarem flexibilizados/as, como exigem os tempos incertos. É a liquidação da escola emancipatória e também fim do Estado-nação. Se essa máxima ainda não se concretizou por completo, chegamos a uma escola híbrida que a assemelha cada vez mais à empresa, ao mesmo tempo em que está submetida a um "centro organizador" diretivo e poderoso, que extrai "critérios de comparação", "boas práticas gerenciais e pedagógicas", além dos conteúdos apropriados que correspondem às competências do campo econômico (LAVAL, 2019, p. 24).

Nas análises de Laval, o leitor e a leitora podem visualizar as fundações e os institutos ligados a segmentos empresariais de grande capital, no Brasil e fora dele, que hoje assumiram a Educação como sua propriedade, inclusive respondendo por ela na ampla mídia quando o tema são as reformas educacionais – como as BNCC e a Reforma do Ensino Médio, por exemplo. Conseguimos observar, assim, nossa forte e ardorosa assimilação dos princípios da escola neoliberal importada do modelo estadunidense.

A partir disso é que o autor denomina "mal-estar da instituição escolar" o fato de ela ser tratada como uma organização sem deixar de ser uma instituição. "Nesse mundo desencantado, nessa escola desertada, os cálculos frios da econometria tendem a tomar o lugar da guerra dos ideais. Mas a que preço?" (LAVAL, 2019, p. 292). No Brasil, a esse triste panorama soma-se o discurso de ódio contra profissionais da escola e sua função social, assim como a disseminação de *fake news* enquadrando os/as professores/as como os/as novos/as e principais inimigos/as da nação – ao ponto de um deputado federal comparar professores e professoras a traficantes de drogas em mídia de largo alcance.

As mudanças impostas pelo modelo neoliberal vêm sendo sedimentadas em várias partes do mundo e seguem em curso. É possível observar que linguagens e processos que impõem o individualismo estão transformando as relações nas comunidades escolares, reduzindo o valor dos/das profissionais e deslegitimando os saberes circulantes, aniquilando valores emancipatórios e intelectuais em favor de humanos/as servis a uma economia cambiante e um mercado em constante mudança.

A obra de Christian Laval é o descortinamento dos malefícios sociais resultantes de adesões ao modelo neoliberal. Por isso, procuramos ilustrar nesta resenha como se materializa o aprofundamento das desigualdades e injustiças sociais via campo educacional, em práticas observáveis no cotidiano da vida política no Brasil. Trata-se de uma potente obra no campo da Sociologia da Educação, de leitura obrigatória, que contribui para seguirmos pensando e agindo na proteção da escola como instituição civilizatória e cultural resguardada pelos Estados Nacionais, e não pelo mercado ganancioso e privatista.

Recebido em: 30/07/2025; Aprovado em: 23/10/2025.

JÚLIA SIQUEIRA DA ROCHA
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – SC, Brasil.

KAMYLLA RAULINO DA SILVA KREMER
Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis – SC, Brasil.

IGOR DOS SANTOS ANDRADE
Universidade Federal de Sergipe, Aracaju – SE, Brasil.

CRISTIANO MEZZAROBA
Universidade Federal de Sergipe, Aracaju – SE, Brasil.